

Jardim Ângela: Em defesa da vida

Jardim Ângela: In defence of life

Padre James Crowe¹

Sergio Luís Ferreira²

RESUMO

O Jardim Ângela, um dos muitos distritos da cidade de São Paulo, chama a atenção por dois motivos: pelo fato de ter sido considerado pela ONU, em 1996, o mais violento do planeta (eram 120 assassinatos por 100 mil habitantes) e por estar sendo palco do protagonismo da comunidade local que gradativamente tem construído o Mapa da Esperança e desconstruído o Mapa da Violência. O artigo fala sobre o caminho que vem sendo traçado no Jardim Ângela – um trabalho que nasce e se torna possível a partir da integração da comunidade, da luta por direitos humanos e de cidadania, do reconhecimento da autonomia do ser humano e da construção fraterna e firme do diálogo para uma vivência da Cultura de Paz e Não-violência, não somente no Jardim Ângela, mas no Brasil e no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: *Participação Comunitária; Saúde Pública; Violência; Cultura de Paz e Não Violência; Direitos Humanos.*

ABSTRACT

Jardim Ângela, one of the many districts of the city of São Paulo, calls attention for two reasons: due to the fact that it was considered by the UN, in 1996, the most violent area of the planet (120 persons murdered by 100 thousand inhabitants) and for being the local community which is gradually building the Hope Map, thus de-constructing the Violence Map. The article talks about the route traced in Jardim Angela – a work that is born and which becomes possible after the integration of the community, the fight for human rights and citizenship, the acknowledgement of human being's autonomy and the fraternal and firm construction of the dialogue for a better experience of the Peace and Non-Violence Culture, not only in Jardim Angela but also in Brazil and in the world.

KEYWORDS: *Consumer Participation; Public Health; Violence; Peace and Non-Violence Culture; Human Rights.*

¹ Residente no Brasil há 30 anos, hoje é o responsável pela Paróquia Santos Mártires; é presidente da Sociedade Santos Mártires, entidade sem fins lucrativos, que desenvolve ações no Jardim Ângela, no município de São Paulo, São Paulo, Brasil.
e-mail: martires@terra.com.br

² Psicólogo; trabalha na área de dependência química, no Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas (CAPS-AD) Jardim Ângela, São Paulo, Brasil.

OS VENTOS NÃO SOPRAVAM A NOSSO FAVOR

Jardim Ângela é um distrito da região sul do município de São Paulo e integra a Subprefeitura de M'Boi Mirim. Está situado ao lado da grande Represa do Guarapiranga, caracterizando-se como uma região de mananciais de água que deveria ser conservada e preservada.

A população deste bairro periférico é de cerca de 300 mil habitantes, com renda familiar em torno de dois salários mínimos, tratando-se, assim, de uma população em sua maioria de baixa renda. Segundo pesquisa da Fundação Sistema Estadual de Análises de Dados (SEADE), em 2000, mais de 19% dos responsáveis por domicílios não possuía rendimento algum.

Outro indicador que revela a péssima qualidade de vida na região é o cálculo do Índice de Desenvolvimento Humano¹ (IDH) para o distrito. Enquanto o Brasil ocupa a 63ª posição entre 177 países com um IDH de 0,792, o valor para o Jardim Ângela, isoladamente, é de 0,402. Este dado aproxima o distrito das condições em que vivem nações como a Tanzânia, que ocupa o 164º lugar no ranking da Organização das Nações Unidas (ONU).

O Jardim Ângela cresceu desordenadamente em torno da industrialização no início dos anos 1970.

Época do *milagre brasileiro*, em que a região foi crescendo com ocupações, favelas, etc. Até meados dos anos 1980, era basicamente mão-de-obra barata a serviço da grande indústria e das fábricas nas imediações da Marginal do rio Pinheiros, em São Paulo.

Quando se iniciou a informatização e a automatização nas indústrias, esta mão-de-obra barata virou sucata, gerando índices elevados de desemprego na Zona Sul de São Pau-

A ESCALADA DA VIOLÊNCIA CRESCEU DE MODO ASSUSTADOR E EM 1996 FOI CONSIDERADA A REGIÃO MAIS VIOLENTA DO PLANETA, PELA ONU

lo, bem como em todo o país, levando cada um a "se virar" como podia, empenhando-se numa luta pela sobrevivência sem igual e violenta por conta do tráfico, da competição e da sociedade de consumo. Surgiu, também, uma onda de violência marcada pelos confrontos entre a polícia e a população 'desocupada'. Na época, a violência policial era muito forte na região, ca-

racterizada pela presença do Cabo Bruno, que confessou ter assassinado mais de 150 pessoas a mando dos "grandes" da região.

Ao lado da pobreza extrema e, em parte, por ela determinada, o Jardim Ângela convive com a violência e suas diferentes formas de manifestação. No início da década de 1990, eram oito assassinatos por noite. O tráfico se instalou como opção de trabalho.

A escalada da violência cresceu de modo assustador e em 1996 foi considerada a região mais violenta do planeta, pela ONU. Eram 120 assassinatos por 100 mil habitantes, ultrapassando Cali, na Colômbia, que em 1995 atravessava um dos piores períodos da guerra do narcotráfico, sendo conhecida como campeã no mapa da violência, com 80 assassinatos por 100 mil habitantes. Atualmente, acima do Jardim Ângela está a região do Brás - Zona Leste de São Paulo; Grajaú e Parelheiros, na Zona Sul de São Paulo, do outro lado da Represa do Guarapiranga.

Os números da violência nos chocaram, especialmente, porque a maioria das vítimas era jovem de 15 a 25 anos de idade.

Mas os ventos não sopravam a nosso favor... Os próprios conhecidos das vítimas diziam: "...é, morreu, mas estava envolvido". Como se isso justificasse tudo. Em 2002, um rapaz chamado Sérgio foi mor-

¹ Indicador que combina renda per capita, expectativa de vida e acesso à educação.

to. Tinha 20 anos. O irmão dele, Moso, de 17 anos, já vivia de pequenos furtos. No dia seguinte, na hora de encomendar o corpo no Cemitério São Luís, Moso, em frente ao caixão funerário, falou para mim: *"Ele está melhor que eu"*. Quando faltava um dia para completar um ano da morte do irmão, eu encomendei o corpo do Moso.²

Na cidade de São Paulo havia uma mentalidade de dois pesos e duas medidas. Quando era assassinado um jovem, residente em área considerada nobre, a cidade inteira questionava, mas quando era um jovem da periferia, muitos suspiravam aliviados, significando *"um a menos para nos assaltar ou incomodar"*. Quais perspectivas existiam para essa juventude no Jardim Ângela? As consciências eram tranqüilizadas e tudo ficava por isso mesmo. Nenhum culpado. Nenhuma solução.

Temos que insistir que os moradores e moradoras do Jardim Ângela são pessoas boas, trabalhadoras, dedicadas, que têm 'dado a vida' lutando pela sobrevivência. Gente que caminha 10 km a pé até Santo Amaro, bairro localizado nas proximidades, à procura de emprego porque não tem dinheiro para pagar a passagem de ônibus. Essas pessoas não podem ser acusadas injustamente como se fossem bandidos ou ladrões. É preciso mostrar que existe um outro lado. Que

elas não podem ficar mais em silêncio. Precisam falar. Porque foram elas e seus pais que construíram a cidade de São Paulo, como mão-de-obra barata nas construções de prédios, metrô, escolas, etc.

MOVIMENTOS E ORGANIZAÇÃO POPULAR

A região do Jardim Ângela também é conhecida pela forte organização popular desde o início dos anos 70, com o nascimento das Co-

A REGIÃO DO JARDIM ÂNGELA TAMBÉM É CONHECIDA PELA FORTE ORGANIZAÇÃO POPULAR DESDE O INÍCIO DOS ANOS 70, COM O NASCIMENTO DAS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBs), DA IGREJA CATÓLICA

munidades Eclesiais de Base (CEBs), da Igreja Católica. A reflexão entre a Bíblia e a vida do dia-a-dia fez nascer fortes lideranças na região, que foi o berço de grandes lutas e reivindicações naqueles anos, como: água, luz, esgoto, escolas, creches, transportes, e o grande Movimento Contra a Carestia, que mobilizou mais de um milhão de assinaturas até Brasília, em 1978.

Ainda naquele ano elegemos os primeiros candidatos populares: deputado federal Aurélio Peres e deputada estadual Irma Passoni. Marcando também essa década, registramos o metalúrgico e grande liderança sindical e comunitária Santo Dias da Silva, assassinado em 30 de outubro de 1979, pela Polícia Militar, num piquete em frente à fábrica Silvana, lutando por melhores salários para a classe trabalhadora. Elio Gaspari, na edição do jornal *Folha de S. Paulo*, de 13 de fevereiro de 2005, descreve:

"Em plena ditadura, Santo Dias ajudou a criar um sentido de comunidade no bairro de Vila Remo, na zona sul de São Paulo. Ao lado, está Jardim Ângela. Pode-se dizer que uma comunidade retratou a periferia dos anos 70. A outra, retrata a de hoje. Na sua primeira e melhor metade, o livro 'Santo Dias' mostra o que os militantes do andar de baixo conseguiram a partir dos anos 60. Mostra também o que a militância do andar de cima obteve, a partir de 80, em boa parte graças àquilo que o FMI chama de 'forças não competitivas' do setor financeiro. Vila Remo testemunhou êxitos populares. Jardim Ângela, ruína."

Atuantes, ao longo dos anos, na construção dessa história, em 1996, percebemos que estava na hora de *"criar vergonha na cara"*. Então, juntamos algumas lideranças da região, junto ao Centro de Direitos Humanos

² Relato do Padre James Crowe.

e Educação Popular (CDHEP)³ para pensar e discutir ações de melhorias para o distrito. Nessa época, a escalada de crimes, majoritariamente assassinatos, só piorou, em especial após o fortalecimento do tráfico de drogas.

**"NÃO QUEREMOS A VIOLÊNCIA,
QUEREMOS A PAZ!"**

Não era mais possível calar-se. Muito menos se fechar, como a maioria da população, atrás de portões e grades reforçados e muros cada vez mais altos. A proposta do grupo foi de mobilizar a população. Marcamos, então, a 'Caminhada pela Vida e pela Paz', pois a violência exigia uma resposta. Não uma resposta violenta, mas uma resposta em defesa da vida.

O percurso da Caminhada e sua data foram definidos. Existe na região um Cemitério Público que se chama São Luís, local de sepultamentos da maioria das vítimas da violência da área, e, para chegar até lá, partindo da Praça do Jardim Ângela, é preciso caminhar por quase duas horas. Esse seria o percurso da Caminhada. A data seria dia 2 de novembro, Dia de Finados, em homenagem às vítimas da violência.

Enquanto um número restrito mobilizava, articulava e organizava, outros desaconselhavam o envolvi-

mento, porque era arriscado e perigoso. Outros tantos alegavam que a divulgação dos fatos sujava ainda mais o nome da região. Mas o medo e temor de tantos motivaram as pessoas conscientes e comprometidas.

O dia 2 de novembro de 1996 raiou, e choveu gente... Participaram quase cinco mil pessoas naquela 1ª Caminhada pela Vida e pela Paz, rumo ao Cemitério São Luís. Este ato foi o ponto de partida para as pessoas conseguirem sair às ruas como povo or-

MARCAMOS, ENTÃO, A 'CAMINHADA PELA
VIDA E PELA PAZ', POIS A VIOLÊNCIA
EXIGIA UMA RESPOSTA. NÃO UMA
RESPOSTA VIOLENTA, MAS UMA
RESPOSTA EM DEFESA DA VIDA

ganizado, quando a população levantou sua voz para bradar de forma aberta e contundente: "Nós não queremos a violência, nós queremos a Paz!"; "Queremos respeito à vida! Queremos que cada Ser Humano brilhe, à imagem e semelhança de Deus, na qual todos nós fomos criados!"

Isso deu impulso, encorajou os organizadores, abriu novos caminhos

e, a partir daí, começamos a desenhar no lugar do Mapa da Violência um novo mapa, o Mapa da Esperança.

A partir daquela 1ª Caminhada o povo renovou o ânimo, a coragem e a esperança, e todos se perguntavam: "Qual é o próximo passo?"

Então, criamos o Fórum em Defesa da Vida pela Superação da Violência, que consiste numa Rede de Entidades, Igrejas, Escolas, Associações e Sociedades, de modo inter-religioso e suprapartidário, com o objetivo de incentivar, criar e desenvolver ações que ajudassem a superar tamanha violência.

O Fórum em Defesa da Vida aglutina pessoas que discutem, pensam e organizam debates, seminários, caminhadas, incentivando a população, entidades e todos que nela participam a realizar ações para descobrir e avaliar as causas da violência e superá-las. O Fórum acontece na primeira sexta-feira de cada mês, das 9h às 12h, no Salão da Paróquia Santos Mártires.

Por meio das discussões desenvolvidas no Fórum em Defesa da Vida, foram identificadas as três raízes profundas da violência:

- a ausência do Poder Público;
- o desemprego;
- as drogas.

Neste último caso, não é que existam mais drogas na periferia do

³ Entidade representativa da região de Capão Redondo, área que também apresentava altos índices de violência, e dividia com o Jardim Ângela e Jardim São Luís, o que a mídia chamou de 'o triângulo da morte'.

que nas áreas nobres, mas o dependente para alimentar o seu vício precisa assaltar, roubar e até matar.

Portanto, diante dessa realidade, juntamos forças e fomos em busca de soluções, parcerias, debates, seminários, tribunais populares, e fizemos inúmeras reivindicações. Reivindicações estas lembradas na 10ª Caminhada, ocorrida em 2 de novembro de 2005, que contou com aproximadamente 12 mil participantes. Na oportunidade, divulgamos as dez conquistas do Fórum em Defesa da Vida:

1. Influência na queda de homicídios na região;
2. Mobilização e articulação de mais de cem grupos, entidades e instituições;
3. Aproximação com o Ministério Público;
4. Diálogo permanente com a Polícia Civil, Militar e Guarda Civil Metropolitana;
5. Diálogo permanente com o Governo Local, Secretarias Municipais e Estaduais;
6. Contribuição na elaboração de Leis;
7. Influência decisiva na implantação do COMUDA (Conselho Municipal de Drogas e Álcool);
8. Influência decisiva na implantação de Projetos e Programas de Atendimento direto à população;
9. Participação ativa na validação do Estatuto do Desarmamento;

10. Influência na criação de outros Fóruns.

São dez anos de luta contra a violência do Distrito do Jardim Ângela. Muitas vozes de diferentes idades gritam pela Vida!

POLICIAIS COM NOME

A primeira grande mobilização do Fórum foi a implantação da Base da Polícia Comunitária. A comunidade precisava de policiais que ti-

...A PARTICULARIDADE QUE JUSTIFICA OS BONS RESULTADOS DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO JARDIM ÂNGELA, EM RELAÇÃO A OUTRAS ÁREAS, É A ARTICULAÇÃO DE TODA A COMUNIDADE NO COMBATE À VIOLÊNCIA E NA CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ E NÃO-VIOLÊNCIA

vessem nome, que representassem e assegurassem efetivamente a segurança, que mudassem a idéia e o receio da segurança falida presente na região, e que não amedrontasse seus moradores.

O resultado veio com a criação de duas Bases, em 1998, na Praça do Jardim Ângela, e em 1999, no Jardim Ranieri, extensão da Estrada do M'Boi Mirim. Com essas Bases, vieram mais investimentos da Secretaria de Segurança Pública para o Jar-

dim Ângela. No início da década de 1990, havia apenas duas viaturas e cerca de 35 policiais para uma população com mais de 200 mil pessoas. Hoje, são 710 agentes, 62 viaturas e 12 motos Ronda. No tocante à relação dos policiais com a comunidade obteve-se, também, uma mudança significativa e favorável.

Outras ações para conter a violência foram apresentadas por entidades, escolas e governos local, municipal, estadual e federal. A comunidade reunida e organizada começou a mostrar seu poder de mobilização. Assim, a particularidade que justifica os bons resultados do trabalho desenvolvido no Jardim Ângela, em relação a outras áreas, é a articulação de toda a comunidade no combate à violência e na construção da cultura de paz e não-violência.

OS FRUTOS DA PAZ, O MAPA DA ESPERANÇA

Uma das iniciativas que melhor simboliza a conquista do Fórum em Defesa da Vida é o Projeto Redescobrimo o Adolescente na Comunidade (RAC). O RAC assiste jovens que cometeram infrações e cumprem medidas socioeducativas, ou que estejam em situação de vulnerabilidade social, isto é, que convivem de perto com a miséria e a criminalidade.

As atividades do RAC tiveram início em 1997, em parceria com a Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social do Município de São

Paulo (SMADS), a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor (FEBEM) e a Sociedade Santos Mártires, que hoje conta com parcerias privadas como a Fundação Telefônica e a Fundação Abrinq.

Atende mais de 300 jovens em suas oficinas de *hip hop*, e cursos profissionalizantes como: cabeleireiro, montagem e manutenção de micros. Mas o foco não é prioritariamente a realização dos cursos, e sim, o desenvolvimento de potencialidades, o estabelecimento de novas perspectivas de vida e a elevação da auto-estima.

A principal virtude do RAC é demonstrar que é muito mais viável investir em prevenção da violência do que em repressão. No RAC, os investimentos feitos, por adolescente são de R\$ 3, enquanto na FEBEM o custo chega a 3 mil reais/mês. Para contar a experiência do RAC, este ano foi publicado o livro *Redescobindo o adolescente na comunidade: Uma outra visão da periferia*.

Outro fator que influenciava nos índices de violência era o elevado número de jovens e adultos dependentes de álcool e drogas; violência contra a mulher; violação dos direitos da criança e do adolescente. Das diversas discussões ocorridas no Fórum, surgiram projetos que passaram a olhar cada uma dessas situações e, posteriormente, foram desenvolvidos projetos para serem realizados na área do Jardim Ângela, apresentados em audiência pú-

blica. Hoje, muitos deles são administrados por entidades da região.

No que se refere à violência que tem como causa o consumo de drogas, contatou-se que cerca de 80% dos crimes estavam relacionados direta ou indiretamente às drogas. Essa constatação levou o Fórum a implantar, em parceria com a Escola Paulista de Medicina/Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), uma Unidade Comunitária de Combate ao Álcool e Drogas (UCAD), que através do

A PRINCIPAL VIRTUDE DO RAC É
DEMONSTRAR QUE É MUITO MAIS VIÁVEL
INVESTIR EM PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA
DO QUE EM REPRESSÃO

apoio da Secretaria Municipal de Saúde foi transformada em Centro de Atenção Psicossocial – Álcool e Drogas (CAPS-AD). O CAPS-AD auxilia no tratamento e na prevenção da dependência química, chegando a atender 400 pessoas por mês.

A ação foi fundamental, já que uma pesquisa realizada em 1998 indicou que havia um bar a cada dez moradias, no Jardim Ângela. E, como consequência, a pessoa atendida no CAPS-AD acabava trazendo

consigo a necessidade de atendimento à sua família. Ou seja, mulheres que eram agredidas por seus maridos, ou filhos que se tornavam dependentes químicos muito jovens. Para esses, foi implantado o CUIDA – Centro Utilitário, que atende os filhos dos dependentes químicos. Trata-se de um excelente trabalho realizado com uma rede de psiquiatras, psicólogos e educadores.

Para as mulheres, muitas vezes vitimizadas, agredidas por seus parceiros em momentos de insanidade, foi criada a Casa Sofia, hoje referência em São Paulo na área de atendimento, diálogo e na busca de soluções, discussões e programas de políticas públicas para as mulheres.

Entre tantas conquistas significativas, conseguimos, ainda, garantir para os Distritos do Jardim Ângela e Jardim São Luís, um Conselho Tutelar e uma Casa Abrigo para atendimento de crianças e adolescentes da região, bem como, atendimentos encaminhados pela Vara da Infância ou pelo Juizado de Menores. A Casa Abrigo de início contou com o apoio da empresa Camargo Correia, e hoje desenvolve uma parceria com a Fundação Abrinq e com a Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social de São Paulo.

Mesmo com as conquistas realizadas, avaliamos que ainda é insuficiente o número de equipamentos sociais que prestam atendimento à população, sejam as Creches, Núcleos Socioeducativos, Projetos

de Prevenção, de Capacitação, entre outros, já que a demanda para essas iniciativas é muito grande. Há muito ainda o que fazer para chegarmos ao ideal.

Como forma de ampliar o atendimento à população da região e defender os direitos muitas vezes negados às crianças e aos adolescentes, foi instituído o Centro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (CEDECA) Jardim Ângela, que faz atendimentos e encaminhamentos diversos.

É consenso entre os movimentos da região que a queda da violência é consequência da soma de pequenas ações da sociedade civil organizada e a sua interação com os governos, como é o caso da implantação do Programa Saúde da Família (PSF), vinculado ao Sistema Único de Saúde (SUS), com mais de 400 Agentes Comunitários, visitando e cuidando das famílias, residentes nesta região de morros, na periferia Sul de São Paulo.

Apesar da taxa de homicídios no distrito permanecer ainda alta – quase o dobro da média do Estado, que é de 35,9 homicídios por 100 mil habitantes –, as iniciativas desenvolvidas no Fórum mostraram que a mobilização comunitária foi responsável por uma evolução considerável, numa região que conviveu com uma média de oito homicídios por noite, no início da década de 1990. A diminuição da violência é motivo de comemoração, mas tam-

bém de incerteza e preocupação, já que as carências, as drogas, o desemprego e a situação de abandono ainda são muito grandes.

Mas uma coisa é certa: ninguém quebra nossa determinação em acertar.

Depois de ter sido considerada a região mais violenta do planeta pela ONU, Jardim Ângela celebra uma conquista histórica: segundo levantamento da Fundação SEADE, publicada em julho de 2005, entre 2000 e 2004, a taxa de homicídio caiu mais de 45%, indo de 118,31 para 64,5 homicídios por 100 mil habitantes. Esta redução supera, em muito, a verificada no estado de São Paulo no mesmo período. De acordo com o Mapa da Violência de São Paulo, organizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO), e publicada em maio de 2005, a queda deste indicador em São Paulo foi de apenas 15%.

Estamos no caminho, desenhando no lugar do Mapa da Violência o novo Mapa da Esperança... e neste caminho não há retorno, somente construção.

Para combater a violência precisamos de uma política integrada entre governo e sociedade civil que devolva ao morador do Jardim Ângela sua dignidade humana. Continuamos em busca de uma fórmula ainda melhor que reduza a violência a zero e não prive o cidadão de seus direitos. E esta fórmula nós a

construímos e desenhamos de mãos dadas com os seis princípios da Cultura de Paz e Não-violência:

1. Respeitar a Vida;
2. Rejeitar a Violência;
3. Ser Generoso;
4. Ouvir para Compreender;
5. Preservar a Planeta Terra;
6. Redescobrir a Solidariedade.

REFERÊNCIAS

- BOSCO, Sérgio Martinho de Souza (org.); RODRIGUES, Joel Costa (org.). *Redescobrimo o adolescente na comunidade: uma outra visão da periferia*. São Paulo: Cortez, 2005. 158p.
- UNESCO. *Manifesto 2000*. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br>.